

RETALHANDO O QUE NOS FERRE

Discurso de resistência das mulheres no *Poetry Slam*¹

Natã Neves do Nascimento (PPGCIS/PUC-Rio)

Palavras-chave: Poesia, Narrativas, Resistência

POESIA QUE FALA DE SI

Buscamos por meio deste artigo abordar as narrativas de solidão, abandono, luto e melancolia presentes em alguns discursos de poetas na competição *poetry slam*. No ano de 2018 houve um grande destaque para essa competição no Brasil, embora esse "boom" aconteça em 2018, o *poetry slam* já acontece desde os anos 1980 na cidade de Chicago nos Estados Unidos. Apesar de ser conhecida como uma competição, esse encontro poético surgiu com uma proposta subversiva de ter um espaço para os poetas que escreviam, mas não tinham um público para compartilhar os textos.

Marc Kelly Smith era um trabalhador da construção civil e foi o idealizador da competição, posto que não tinha uma experiência acadêmica em relação à literatura, encontrou nesse evento a possibilidade de romper as normas acadêmicas e fazer circular aqueles versos. Além disso, o título *slam* é muito utilizado para se referir à vitória de um mesmo atleta durante torneios de baseball e tênis.

Ao chegar no Brasil a competição é acolhida pela juventude pobre, preta e periférica. Acontecendo nas ruas e praças públicas através da ocupação desses espaços, os encontros poéticos têm circulado em todo o país com *slams* acontecendo de norte a sul, por intervenção de uma arte unida ao desejo de transformar a sociedade. Essa juventude tem trazido riscos poéticos de sobrevivência em suas narrativas, esses riscos se apresentam na forma de traços e versos de poesias que expressam as dificuldades de sobreviver em uma sociedade racista, desigual, misógina, homofóbica e sexista.

Dentre as participações no *slam*, destacamos o papel das mulheres na competição. Compreendemos que essa análise se faz necessária diante da lacuna da presença feminina e do olhar dessas mulheres em movimentos artísticos, políticos e

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

culturais evidenciando seus versos e sua arte. Quanto a ausência de publicações que tragam a categoria de juventude através da narrativa do sexo feminino a socióloga Wivian Weller afirma:

Desde os primeiros estudos realizados por sociólogos da Escola de Chicago e por integrantes do Center of Contemporary Cultural Studies (CCCS) de Birmingham aos estudos mais recentes realizados, entre outros, na Alemanha, em Portugal e no Brasil, encontramos poucas ou nenhuma referência quanto à participação feminina nesses movimentos. É comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens-adolescentes do sexo feminino e do masculino. Considerando a importância dos trabalhos e pesquisas desses autores, que foram fundamentais para a consolidação do campo de estudos sobre juventude, constatamos, no entanto, além da utilização da categoria juventude como um todo, um outro problema: análises sobre a estética corporal, modos de se vestir, preferências por estilos musicais e visões de mundo desses jovens, entre outros aspectos, foram em grande parte realizadas a partir de observação participante e entrevistas com jovens do sexo masculino. (WELLER, 2005, p.108)

Diante disso entende-se a urgência de trabalhos que abordem tais narrativas que possam balancear e ampliar interpretações sobre grupos e movimentos culturais. E ao avaliar a cena de batalhas de poesias podemos perceber o alto nível de mulheres que estão competindo pelo país.

Nos últimos cinco anos da competição nacional, o *Slam BR* encaminhou pelo menos quatro representantes do país para a competição mundial de poesia que acontece na França anualmente. As representantes foram Bell Puã, representando Pernambuco no ano de 2017, Kimani, representando São Paulo em 2019, Jessica Campos representando o mesmo estado em 2020 e no ano de 2021 a poeta africana Joice Zau que representou o estado de Pernambuco.

No Brasil são elas que dominam a cena da poesia, com sua escrevivência, como diria Conceição Evaristo. Essas mulheres negras entendem que por meio daquilo que viveram e que falam podem mudar e transformar todo o ambiente em que sua voz for ecoada. Quanto à compreensão desse termo, Evaristo nos aponta: “*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos*”, (EVARISTO, 2007, p. 21). Evaristo desenvolve esse conceito a partir da escravização dos povos africanos, mas também como um outro lado da oralidade que se apropria da escrita.

Destacamos como o contexto trazido por Conceição Evaristo se articula às narrativas dessas poetisas do *slam*. A autora resgata como o papel das mucamas, das mães pretas era importante para o entretenimento das crianças da casa grande por meio da contação de histórias.

É notável refletir sobre outras formas de escrita que são possíveis através do corpo, do gesto, da voz, da expressão e da performance, que nos são através da oralidade. Essa escrita que também se torna performance no *slam* aparece como fruto das subjetividades dos corpos dessas mulheres negras. Essas subjetividades seriam resultados da forma como elas interpretam a sociedade e enfrentam o dia a dia de ser mulher, negra, periférica, LGBT.

As poesias que serão aqui analisadas cruzarão o tema da sobrevivência, do abandono, do luto. Além da melancolia que faz com que a relação com a vida seja muitas vezes marcada pela dor e pelo sofrimento e a urgência de serem ouvidas.

RISCOS DE DOR E A FORÇA DE RENASCER

Há um lugar de dor no discurso das mulheres pretas do *slam*, que aborda os perigos de ter um gênero marcado pela fragilidade e sensibilidade, que as identifica como frágeis, vulneráveis e muitas vezes semelhantes a objetos que são utilizados e largados sem qualquer tipo de responsabilidade afetiva. E apesar de muitas vezes a discussão presente nos versos ser marcada por um discurso melancólico, que enxerga a tristeza em meio a um dia ensolarado, há uma resposta para tal sentimento pois o que antes era um medo, se torna força para reagir em tais circunstâncias.

É preciso situar o cenário que essas mulheres vivem. O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídio segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH)². Além disso, no ano de 2021, em meio à pandemia de covid-19 na qual todos foram surpreendidos com a suspensão de atividades e a necessidade de um isolamento social, o número de casos de feminicídio subiu bem como os registros de violência doméstica. De acordo com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública³, no ano de 2021 o Brasil registrou 3.913 casos de feminicídio e 230.160 casos de lesão corporal registrados pela polícia civil, desses 61,8% a violência foi cometida contra mulheres negras.

Diante dos dados apresentados, podemos analisar a vivência das mulheres no Brasil. E o que leva essas mulheres ao *slam*, a narrar suas poesias afirmando suas

² Diretrizes Feminicídio. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf acesso em 10 de agosto de 2022.

³ Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf> acesso em 10 de agosto de 2022.

identidades, quem são e as violências enfrentadas. Em um de seus versos, a poeta paulista Daisy Coelho consegue trazer a dualidade da insegurança e do medo de ser mulher, mas apesar desses ela não se calará.

Ser mulher é sentir medo.
Aguentar o seu preconceito,
aguentar o seu julgamento,
parir os seus filhos, abaixar a cabeça.
Você, que não entende o que é isso
e nunca vai saber,
aprenda:
São dois olhos,
dois ouvidos e uma boca.
Guarde a sua inútil opinião
apenas para você.
Aceite.
O jogo começou a virar
e dessa vez não é você que vai falar.
Ser mulher ainda é sentir medo,
Mas nunca mais,
nunca mais vai ser
se calar.

Freud quando apresenta o conceito de melancolia, ele se utiliza do luto para criar uma para tal definição, pois considera o luto como algo que não é patológico e com certa durabilidade. Para ele a melancolia seria um afeto patologizante, como ele afirma:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917 [2010, p. 28]).

Assim como Freud caracteriza a melancolia como um rebaixamento da autoestima, podemos perceber no trecho da poesia de Daisy Coelho a presença do medo, no entanto não se limita a permanecer nesse lugar de punição, como a mesma finaliza "*Ser mulher ainda é sentir medo, mas nunca mais, nunca mais vai ser, se calar.*". A relação dor e superação precisa ser analisada na busca de compreender que através da identificação desse luto ou dessa dor uma resposta precisa ser dada e um posicionamento ser feito.

Como nesses versos apresentados pelo coletivo *slam* das minas RJ:

Eu sei que mesmo abatida
você vai se levantar das cinzas
não porque seja fênix,

mas porque é mulher
[...]
Mana se você está ouvindo
isso agora
nunca dê a cara a tapa
porque eles batem
e sua cara é muito linda
para aturar covarde
hipocrisia não é brinquedo
e eu tô cansada de sentir medo
eu tô cansada de ver macho sentado
bebendo a tarde na calçada
e espancando de madrugada
ou respeita as minas,
as manas, as monas
ou eu boto a minha boca no mundo
eu acabo com a tua arrogância
em três lances
ou melhor 180
e não é só isso,
a mulherada tá mais braba que o catiço
e eu sei que eu não ando só.

O discurso aqui presente nos mostra como não há uma preocupação, um medo com quem vai receber a mensagem, não importa que homens estejam naquele ambiente, há um recado sendo dado e um grito de revolta é compartilhado para aquelas que possuem a mesma vivência, elas serão acolhidas e não estão mais sozinhas. É como se não importassem mais todas as definições feitas sobre elas, agora essas mulheres não querem mais pedir licença para viver suas vidas, já que compartilham de ciclos curando todas as suas feridas.

Podemos refletir sobre o papel desses atores na sociedade, são em sua maioria jovens com mais de 18 anos que apontam em suas poesias características pessoais, e conflitos diários para que se possa ser quem é. Sobre esses conflitos vividos por uma juventude que se afirma, Melucci nos diz:

A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos seus dilemas conflituais básicos. (MELUCCI, 1997, p.7)

Essas jovens têm diante de si inúmeras possibilidades para se tornarem quem desejam ser, apesar da autonomia frente ao que seria ser adulto pode haver conflitos entre heranças familiares e a construção de seus próprios repertórios. Apesar dessa via de mão dupla, a identidade a ser afirmada jamais será imposta.

O *slam* se torna um lugar de intervenção, para que não sejam mais silenciadas, violentadas e possam expressar sua força através de sua voz. É a junção da reflexão do tema com a possibilidade de uma mudança,

Nos dias de hoje certamente podemos destacar os versos das mulheres do *slam* que não desejam mais estar cercadas pelo medo, mas que enfrentam e com seus textos uma sociedade que não respeita e não compreende o que é ser mulher no Brasil.

CORPOS QUE SOBREVIVEM

Para além do abandono, há um discurso de sobrevivência na competição de Poetry Slam, os corpos trans têm atuado dentro da cena de poesia afirmando que vão sair das margens, que não vão aceitar serem silenciadas e vão resistir para não ter seus corpos alvejados. Dentre as muitas poetisas que têm se levantado na cena da poesia marginal, evidencia-se a carioca Valentine que traz em suas poesias uma assinatura única "*Meu nome é Valentine, Nunca Valentina, Se vocês quiserem me encontrar vão me achar num Slam, JAMAIS numa esquina!*", Bicha Poética no Ceará e a paraibana Bianca Manicongo conhecida como Bixarte.

Bixarte tem se destacado no cenário musical e do *slam*, ela é uma das pioneiras de sua geração que criou novas narrativas e enxerga na poesia uma munição contra a angústia e a desigualdade que vivencia. Dessa maneira podemos analisar como as experiências de um corpo trans trazem marcas que relatam violência, medo do abandono e solidão e novamente apesar de tais vivências marcarem algo que seria motivo para não expor, tais corpos têm reagido e ressignificando suas vivências por meio de corpos poéticos.

Benjamin resgata sobre a pobreza da experiência diante do retorno da guerra, os soldados teriam vivenciado experiências terríveis, estavam "*mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.*"(BENJAMIN,1994) Diferentemente desses soldados, as poetisas têm encontrado nesse lugar de desconforto, medo e insegurança, forças para romper com o sistema e se tratando de bixarte da poesia marginal a luta é contra o (CIS)tema⁴, pois a sociedade não consegue enxergar corpos trans além das margens.

⁴ A utilização da escrita da palavra sistema com CIS é uma forma que os poetisas LGBTQIA+ encontraram de fazer protesto a um modelo de sociedade que não os aceita e além disso os aniquila, compreendendo que o Brasil é o País que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo segundo o Relatório do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQIA+ do ano de 2022.

A poeta de 21 anos foi campeã e representante do Slam resistência com uma poesia⁵ que fala sobre a luta que enfrenta como um corpo negro LGBTQIA+, em sua narrativa faz afirmação sobre vencer por meio da poesia e o medo que traz em seu corpo da violência de um Estado que não pune os agressores e não enxerga seus corpos.

Em cada esquina, tenho medo de virar
Pois na última que virei
eles tentaram me matar
Disse que não me amava, não me via na TV
Que eu era muito trava e só queria me comer
levantou a mão bateu o ferro logo puxou
Dois tiros foi disparado
PÁ, PÁ
Mais uma trava que ele matou
A polícia inocenta quem arranca coração
Travesti não está segura nem na igreja, nem no ônibus
[...]
Eu lembro na Noite passada
Ele chegava perto de mim
ele passava a mão no meu corpo
E eu dizia
Deus que ele leve o meu celular
E que eu não chegue em casa um corpo morto
Pois eu não quero ser o motivo da minha mãe chorar
Eu não quero chegar em casa
com uma vela nos pés e nos braços cruzados
e nunca mais a voz dela eu escutar
mainha eu te prometo que vou ser muito feliz
o meu nome é BIXARTE, não sou prostituta
eu sou poeta, atriz e mais
vocês não vão encontrar o meu corpo preso numa viatura
se vocês me queriam fazendo programa
Prazer, eu sou a própria literatura.

A performance da poeta é marcada por gestos, e analisando essa movimentação podemos perceber o quanto aquela narrativa está conectada às experiências vividas. Há uma inversão de uma narrativa desvalorizada, para ouvir e prestar atenção no que está sendo dito. Podemos associar tal como Walter Benjamin o fato da experiência ser a fonte a que os narradores recorrem.

A metodologia de escrita da poeta Bixarte é marcada pelo processo de autoconhecimento e de transição, e o sentimento presente nos seus textos são extremamente importantes para sua sobrevivência e de todos aqueles que carregam marcadores sociais em seus corpos, sendo esse o principal fator de identificação do público com seus versos.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3EehckxB2qU> Acesso em 08 de agosto de 2022.

A poeta faz de sua narrativa uma forma artesanal de se comunicar, pois imprime seus questionamentos, o medo de estar viva no dia seguinte. Quanto às marcas presentes nessas narrativas, Walter Benjamin afirma:

Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p.205)

Essa narrativa é a identidade do narrador, bem como as marcas das digitais que o oleiro deixa na peça de barro, os poetas imprimem suas vivências nos versos proporcionando um reconhecimento de quem está performando aquela poesia. Sendo ouvidas as táticas que cada corpo encontrou para resistir e sobreviver a opressão de uma sociedade cisgênero e heterossexual.

As poetas produzem no *slam* um espaço para romper barreiras estruturais, subverter o patriarcado e todo o discurso machista e racista que as tenta silenciar. Elas tornam esse lugar de fala, com três minutos para dar seu recado, um espaço de questionamento das circunstâncias do direito que lhes é devido – o direito de ser mulher.

Ao trazer nos versos suas histórias, essas mulheres questionam com finalidade. Para que as práticas de violência e que esse tipo de ataque contra elas não seja algo tido como natural. Assim é que, buscando um romper do silêncio, auxiliam na ruptura dos silêncios em que são colocadas as vítimas de violência.

Durante a pesquisa de mestrado⁶, no ano de 2018, conheci diversos poetas de diferentes regiões do país, com histórias únicas que narravam como aqueles indivíduos chegavam até o *slam*. Uma história que me marcou foi a de Rejane, conhecida como Rejane Camelô. Ela estava sempre presente nas competições de *slam*, além de competir vendia doces e biscoitos ao longo do evento, no ano de 2019 Rejane ingressou no curso de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e no mesmo ano ressignificou sua identidade como poeta.

Após a aprovação, ela seria chamada de rainha do verso, nas suas poesias compartilhava a experiência de ser mulher, preta e periférica e afirmava que todos teriam

⁶ Pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), que resultou na dissertação: Três minutos, duas mãos e uma voz: Performances, Trajetórias e Sobrevivências através de batalhas de poesias.

que aceitar que a universidade era o seu lugar. Diante dessa afirmativa, podemos refletir sobre aqueles que trazem em seus corpos marcadores sociais há sempre dúvidas sobre si, por isso precisam estar em busca de constante aprovação. Entretanto, diante do cenário atual de pandemia, Rejane precisou retornar ao trabalho como camelô e tem utilizado suas redes para compartilhar sua rotina entre o trabalho vendendo cigarro e balas na frente de bares com as apresentações que a chamam para fazer junto ao coletivo *slam* das minas que ela é integrante.

Ao acompanhar a trajetória dessa artista, posso refletir sobre as razões que levam essa mulher a regressar ao trabalho informal e em certa forma a uma condição inferior, que ela poderia não imaginar que retornaria. Esse tipo de questionamento é extremamente importante pois as funções que são exercidas por essas mulheres na sociedade é servir às elites e branquitude em condições que as invisibilizam e por vezes as expõem a outros tipos de violência.

O sonho de ingressar na universidade e cursar uma graduação é por fim a um projeto frustrado, é compreender que por meio de um diploma há possibilidade de novas oportunidades, de contribuição financeira para dentro de casa. É compreender que é possível romper com uma "tradição" de serem empregadas que cuidam dos idosos, das crianças, que fazem a limpeza e ao fim desse expediente precisam enfrentar um transporte público que por vezes não vai proporcionar sequer um lugar para que elas possam descansar no trajeto até suas casas.

Essas mulheres estão buscando um lugar de igualdade e respeito no mesmo mundo de homens. E encontram no feminismo uma fonte para lutar por seus direitos, para resgatar o nome de outras mulheres que a história calou, essas poetisas falam de Dandara dos Palmares, de Carolina Maria de Jesus, falam das matriarcas das famílias que sustentam uma casa com o trabalho doméstico sem o apoio da figura masculina. Como nos versos da poeta Aline Anaya:

Aí é assim, mulher preta
até parece que não pode errar né?
Grita a sua branquitude em mim,
mas com certeza não é isso
que vai me fazer parar
[...]
Eu tô com elas, pra elas
as manas, favelas
são becos, vielas
e aos santos minha vela
eu chamo a força
[...]
eu dou um salve a todas as pretas,
que vai além dos limites das tretas

Tata Alves, Assata, Luana,
Angela, Nina, Mariana
o nosso traço revolucionário
nas veias abertas
da América Latina
Fez do livro terra fértil,
revolucionando as velhas rimas
Mas então vai destilando veneno
porque quem é sabe:
Vitimismo é seu incômodo
se tem uma preta na posição de destaque.

A autora Chimamanda Ngozi, no livro *O perigo de uma história única* fala sobre um poder que é associado a essa história, "*como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.*" Esse poder não está só no contar, mas na forma como quem ouve se identifica com essas histórias, ao ouvir essa história o espectador tem a possibilidade de se colocar no lugar dessa poeta para entender que toda história é feita por múltiplos autores e por suas vivências.

CONSIDERAÇÕES

É notável nos versos apresentados uma crítica ao modo como as mulheres são vistas na sociedade. Essas poetisas estão a frente desse movimento que luta por justiça social e dignidade, que não aceita mais sentir medo e que apesar de enxergar as marcas em seus corpos e suas histórias elas vão utilizar seus versos como munição para que outras não se tornem vítimas, para que outras mulheres entendam que não estão sozinhas, mas que assim como elas venceram e romperam outras também podem vencer e romper com seus traumas e feridas.

Há um desejo de desconstruir estereótipos a partir da vivência de mulheres e suas experiências e práticas culturais e sociais para além dos estereótipos que as cercam, essas poetisas buscam materializar tais questões através de uma linguagem que trata do cotidiano de suas vidas, na busca pela afirmação que humanize seus corpos na sociedade. Nessa leitura, há um convite a compreender a importância da garantia do direito de todas as mulheres, do direito pela liberdade de viver e ter a garantia de uma ascensão social de todas.

Ademais, por meio da contribuição de Walter Benjamin e Conceição Evaristo podemos enxergar uma esperança presente por trás desses textos. Em tempos sombrios nos quais corpos são alvos por sua sexualidade, seu gênero, sua religião ou sua cor quando lemos trechos sobre escrevivência ou sobre o narrador nos faz refletir sobre como retrocedemos e perdemos enquanto sociedade. Mas são essas jovens poetisas que nos

trazem o respiro e a esperança de dias melhores e sem desigualdade, versos que não aceitam mais a dor como única fonte de suas histórias.

Por fim, viver num contexto em que a violência policial, violência doméstica, ausência de segurança na sociedade nos faz questionar o que ainda falta haja um lugar de igualdade entre homens e mulheres.

BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda N. 2019. O perigo da história única. São Paulo: Companhia das Letras.

BENJAMIN, Walter. 1993. Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense.

EVARISTO, Conceição. 2017. *Becos da Memória*. 200p. Rio de Janeiro: Pallas.

FREUD, Sigmund. 2010. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo, Companhia das Letras.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais Juventude e Contemporaneidade. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. Estudos Feministas, Florianópolis,13(1):216, janeiro-abril/2005.